



## SUMÁRIO

Prólogo 9

Capítulo 1: Café expresso e melão 11

Capítulo 2: O maior do mundo 33

Capítulo 3: Ecos de magia 61

Capítulo 4: O tio do macaco 75

Capítulo 5: Eu os declaro 95

Capítulo 6: De mim para mim 109

Capítulo 7: Conversa com os animais 133

Capítulo 8: Uma bola de catarro 181

Capítulo 9: O príncipe sapo 187

Capítulo 10: De péssimo humor 203



8

<b>Capítulo 11:</b>	Cocô de pombo	219
<b>Capítulo 12:</b>	Desaparecidos para sempre	235
<b>Capítulo 13:</b>	O cabeludo morreu	293
<b>Capítulo 14:</b>	O furo no ás	339
<b>Capítulo 15:</b>	Sede de assassinato	375
<b>Capítulo 16:</b>	Uma equipe de cabeleireiros	401
<b>Epílogo</b>		411





## PRÓLOGO

ΜΑΝΣÃO FOWL, DUBLIN, ÍRLANDA

**A ΜΕΠΟΣ** de uma hora ao norte da bela cidade de Dublin fica a propriedade Fowl, cujas fronteiras mudaram pouco nos últimos quinhentos anos.

A mansão não é visível da estrada principal, escondida por uma fileira de carvalhos e um paralelogramo de altos muros de pedra. O portão é de aço reforçado, com câmeras empoleiradas nas colunas. Se você tivesse permissão para passar por aqueles portais discretamente eletrificados, chegaria a uma aléia coberta de cascalho miúdo, serpenteando suavemente pelo que já foi um gramado impecável, mas que agora está se transformando num jardim selvagem.

As árvores crescem densas à medida que você se aproxima da mansão propriamente dita, carvalhos altíssimos e castanheiros-da-índia entremeados por freixos e salgueiros mais de-







## CAPÍTULO 1: CAFÉ EXPRESSO E MELAÇO



**ARTEMIS** estava sentado numa poltrona vermelho-escura, diante de Beckett e Myles. Sua mãe se encontrava de cama com uma gripe leve, o pai com o médico no quarto dela, de modo que Artemis ajudava distraindo os meninos.

E que diversão melhor para os pequenos do que algumas lições?

Havia decidido se vestir de modo casual, com uma camisa de seda azul-celeste, calça de lã cinza e sapatos Gucci. O cabelo preto estava penteado para trás e ele tinha uma expressão alegre, que ouvira dizer que agradava às crianças.

— Artemis quer fazer cocô? — perguntou Beckett, agachado no tapete tunisiano, usando apenas uma bata suja de grama, que ele havia puxado sobre os joelhos.

— Não, Beckett — respondeu Artemis animado. — Estou tentando parecer alegre. E você não deveria estar de fralda?





— Fralda — fungou Myles, que havia aprendido a usar o banheiro aos quatorze meses, montando uma escada de enciclopédias para chegar ao assento do vaso.

— Fralda não. — Beckett fez beicinho, batendo numa mosca que ainda zumbia, presa em seus cachos louros e pegajosos. — Beckett odeia fralda.

Artemis duvidou que a babá tivesse deixado de pôr uma fralda em Beckett e por um instante imaginou onde a tal fralda estaria agora.

— Muito bem, Beckett — continuou Artemis. — Vamos esquecer o tema da fralda e passemos à lição de hoje.

— Chocolate na estante — disse Beckett, esticando os dedos para o alto, querendo alcançar chocolates imaginários.

— É, bom. Às vezes há chocolate na estante.

— E café expresso — acrescentou Beckett, que tinha predileções estranhas, que incluíam sachês de café expresso e melão. Na mesma xícara, se ele pudesse. Uma vez Beckett conseguiu engolir várias colheres dessa mistura antes que ela fosse arrancada de suas mãos. O menino não dormiu por 28 horas.

— Podemos aprender palavras novas, Artemis? — perguntou Myles, que queria voltar para uma jarra de mofo em seu quarto. — Estou fazendo *periências* com o Professor Primata.

O Professor Primata era um macaco de pelúcia e parceiro ocasional de laboratório de Myles. O brinquedo fofo passava a maior parte do tempo enfiado num béquer de vidro boros-





silicato na mesa de *periências*. Artemis havia reprogramado a caixa de fala do macaco para responder à voz de Myles com 12 frases, inclusive *Está vivo! Está vivo!* E *A história vai se lembrar deste dia, professor Myles*.

— Você vai poder voltar logo ao seu *laboratório* — disse Artemis, aprovando. Myles era feito do mesmo material que ele, um cientista nato. — Agora, meninos, achei que hoje poderíamos abordar alguns termos usados em restaurantes.

— Espirros parecem vermes — disse Beckett, que não gostava de permanecer no tema.

Artemis quase ficou abalado com essa observação. *Vermes* não estavam definitivamente no cardápio, ainda que lesmas pudessem muito bem fazer parte.

— Esqueça os vermes.

— Esqueça vermes! — reagiu Beckett, horrorizado.

— Só por enquanto — disse Artemis, tranquilizando-o. — Assim que tivermos acabado com nosso jogo de palavras, vocês podem pensar no que quiserem. E, se forem realmente bons, talvez eu os leve para ver os cavalos.

Montar era o único tipo de exercício que Artemis praticava. Principalmente porque o cavalo fazia a maior parte do trabalho.

Beckett apontou para si mesmo.

— Beckett — disse com orgulho, com os vermes já transformados numa lembrança remota.

Myles suspirou.

— Sim-plório.





Artemis começou a se arrepender de ter programado essa aula, mas, depois de ter começado, estava decidido a ir em frente.

— Myles, não chame seu irmão de simplório.

— Tudo bem, Artemis. Ele gosta. Você é um sim-plório, não é, Beckett?

— Beckett sim-plório — concordou o menino, todo feliz. Artemis esfregou as mãos.

— Muito bem, irmãos. Em frente. Imaginem-se sentados numa mesa de café em Montmartre.

— Em Paris — disse Myles, ajeitando presunçoso a gravata que apanhara emprestada do pai.

— Sim, Paris. E, por mais que você tente, não consegue atrair a atenção do garçom. O que você faz?

Os meninos o olharam inexpressivos e Artemis se perguntou se não estava elevando demais o nível da aula. Ficou aliviado, ainda que um tanto surpreso, ao ver uma fagulha de compreensão nos olhos de Beckett.

— Ah... a gente diz a Butler pra fazer pula-pula-pula na cabeça dele?

Myles ficou impressionado.

— Concordo com o sim-plório.

— Não! — disse Artemis. — Você simplesmente levanta um dedo e diz com clareza: *Ici, garçon*.

— Isso o quê?

— O quê? Não, Beckett, não é *isso*. — Artemis suspirou. Era impossível. *Impossível*. E ainda nem havia apresentado os





*flashcards* ou sua nova ponteira a laser modificada, que podia iluminar uma palavra ou atravessar várias placas de aço, dependendo do ajuste.

— Vamos tentar juntos. Levantem um dedo e digam: *Ici, garçon*. Todo mundo junto, agora...

Os meninos obedeceram, ansiosos para agradar ao irmão meio desmiolado.

— *Ici, garçon* — disseram em coro, com os dedos gorduchos levantados. E então, com o canto da boca, Myles sussurrou para o gêmeo: — Artemis sim-plório.

Artemis levantou as mãos.

— Eu me rendo. Vocês venceram: chega de aula. Por que não fazemos umas pinturas?

— Excelente — disse Myles. — Vou pintar meu vidro de mofo.

Beckett ficou desconfiado.

— Eu não vou aprender?

— Não — respondeu Artemis, desgrenhando carinhoso o cabelo do irmão e se arrependendo imediatamente. — Não vai aprender nada.

— Bom. Agora Beckett feliz. Vê. — O menino apontou para si mesmo de novo, especificamente para o sorriso largo no rosto.

Os três irmãos estavam deitados no chão, sujos até os cotovelos com tinta guache, quando o pai entrou na sala. Parecia cansado de cuidar da doente, mas afora isso estava em forma e forte, movendo-se como alguém que fora atleta durante toda





a vida, apesar da perna artificial bio-híbrida. A perna usava osso alongado, prótese de titânio e sensores implantados para permitir que os sinais cerebrais de Artemis Sênior a movessem. Ocasionalmente, no fim do dia, ele usava uma bolsa de gel aquecida no micro-ondas para aliviar a rigidez, mas afora isso comportava-se como se a perna nova fosse dele mesmo.

Artemis se ajoelhou, sujo de tinta e pingando.

— Abandonei o vocabulário francês e entrei na brincadeira dos gêmeos. — E riu, enxugando as mãos. — Na verdade isso é bastante libertador. Estamos fazendo pintura a dedo. Tentei fazer uma pequena palestra sobre o cubismo, mas em troca recebi tinta no rosto.

Artemis notou que o pai estava mais do que simplesmente cansado. Estava ansioso.

Afastou-se dos gêmeos, caminhando com Artemis Sênior até a estante que ia do chão ao teto.

— Qual é o problema? A gripe de mamãe está piorando?

O pai de Artemis pousou uma das mãos na escada deslizando, aliviando o peso de cima do membro artificial. Sua expressão era estranha, uma expressão que Artemis não se lembrava de ter visto antes.

Percebeu que o pai estava mais do que ansioso. Artemis Fowl Sênior sentia medo.

— Pai?

Artemis Sênior segurou o degrau da escada com tamanha força que a madeira estalou. Abriu a boca para falar, mas pareceu mudar de ideia.





Agora Artemis é que ficou preocupado.

— Pai, você precisa me dizer.

— Claro — respondeu o pai estremecendo, como se tivesse acabado de se lembrar de onde estava. — Devo lhe dizer...

Então uma lágrima caiu de seu olho, pingando na camisa, aprofundando o azul.

— Lembro-me de quando vi sua mãe pela primeira vez — disse. — Eu estava em Londres, numa festa particular da Ivy. Um salão cheio de patifes e eu era o pior de todos. Ela me mudou, Arty. Partiu meu coração, depois colou de novo. Angeline salvou minha vida. Agora...

Artemis sentiu fraqueza nos nervos. Seu sangue latejava nos ouvidos como as ondas do Atlântico.

— Mamãe está morrendo, pai? É isso que está tentando me dizer?

A ideia parecia ridícula. Impossível.

O pai piscou, como se despertasse de um sonho.

— Não se os homens da família Fowl fizerem algo a esse respeito, não é, filho? Está na hora de você merecer aquela sua reputação. — Os olhos de Artemis Sênior ardiam de desespero. — O que quer que tenhamos de fazer, filho. O que for necessário.

Artemis sentiu o pânico crescer por dentro.

*O que quer que tenhamos de fazer?*

*Fique calmo, disse a si mesmo. Você pode consertar isso.*

Artemis ainda não tinha todos os fatos, mas mesmo assim sentia-se razoavelmente confiante de que qualquer coisa que





estivesse errada com sua mãe poderia ser curada com um toque de magia do povo das fadas. E ele era o único ser humano na Terra com essa magia correndo no organismo.

— Pai — disse ele gentilmente. — O médico foi embora?

Por um momento a pergunta pareceu deixar Artemis Sênior perplexo, então ele se lembrou.

— Foi embora? Não. Está no saguão. Achei que você poderia falar com ele. Só para o caso de haver alguma pergunta que eu deixei de fazer...

Artemis ficou apenas levemente surpreso ao encontrar no saguão o dr Hans Schalke, o principal especialista europeu em doenças raras, e não o médico da família. Naturalmente seu pai devia ter chamado Schalke quando as condições de Angeline Fowl começaram a se agravar. Schalke esperava embaixo do brasão filigranado dos Fowl, com uma maleta de couro duro Gladstone de sentinela junto aos seus tornozelos como um besouro gigante. Estava afivelando uma capa de chuva cinza e falando em tom afiado com sua assistente.

Tudo no médico era afiado, da ponta de flecha do bico-de-viúva aos gumes de navalha dos malares e do nariz. Duas lentes ovais ampliavam os olhos azuis de Schalke e a boca descaía da esquerda para a direita, mal se mexendo enquanto ele falava.

— Todos os sintomas — disse com sotaque alemão. — Em todos os bancos de dados, entende?





A assistente, uma senhora miúda de *tailleur* cinza de corte caro, confirmou várias vezes com a cabeça, digitando as instruções na tela de seu *smartphone*.

— Das universidades também? — perguntou ela.

— *Todos* — respondeu Schalke, acompanhando a palavra com um movimento impaciente de cabeça. — Eu não disse todos? Não entende meu sotaque? É porque eu sou de origem alemã?

— Desculpe, doutor — disse a assistente, com humildade. — Todos, claro.

Artemis se aproximou do dr. Schalke com a mão estendida. O médico não retribuiu o gesto.

— Contaminação, jovem sr. Fowl — disse sem qualquer traço de desculpas ou simpatia. — Não determinamos se o estado de sua mãe é contagioso.

Artemis fechou a mão, colocando-a às costas. O médico estava certo, é claro.

— Não nos conhecemos, doutor. Poderia fazer a gentileza de descrever os sintomas da minha mãe?

O médico bufou, irritado.

— Muito bem, meu jovem, mas não estou acostumado a lidar com crianças, de modo que não taparei o sol com a peneira.

Artemis engoliu a saliva, com a garganta subitamente seca.

*Tapar o sol com a peneira.*

— O estado de sua mãe pode ser único — disse Schalke, banindo a assistente para o trabalho com um movimento dos dedos. — Pelo que posso ver, os órgãos dela parecem estar em falência.





— Que órgãos?

— *Todos* — respondeu Schalke. — Preciso trazer equipamentos do meu laboratório no Trinity College. Obviamente sua mãe não pode ser transportada. Minha assistente, a srta. Imogen Book, vai monitorá-la até o meu retorno. A srta. Book não somente é minha relações públicas, mas também é uma enfermeira excelente. Uma combinação útil, não acha?

Com a visão periférica, Artemis viu a srta. Book virar uma esquina do corredor às pressas, gaguejando ao *smartphone*. Esperava que a relações públicas/enfermeira demonstrasse mais confiança ao cuidar de sua mãe.

— Imagino. Todos os órgãos da minha mãe? *Todos*?

Schalke não gostava de se repetir.

— Fico pensando em lúpus, porém é mais agressivo, combinando com todos os três estágios da doença de Lyme. Uma vez observei uma tribo amazônica com sintomas semelhantes, mas não tão severos. A essa taxa de declínio, restam apenas dias para sua mãe. Francamente duvido que tenhamos tempo para terminar os exames. Precisamos de uma cura milagrosa. E, segundo minha experiência considerável, as curas milagrosas não existem.

— Talvez existam — disse Artemis distraidamente.

Schalke pegou a maleta.

— Ponha a fé na ciência, meu jovem — aconselhou o doutor. — A ciência servirá melhor à sua mãe do que alguma força misteriosa.







— Tenha cuidado, Artemis. Magia não é ciência. Você não pode controlá-la. Você não iria querer piorar a situação da sra. Fowl acidentalmente.

Artemis chegou ao topo da grande escadaria, hesitando ao estender a mão para a maçaneta de bronze da porta do quarto, como se ela estivesse eletrificada.

— Acho que a situação dela não tem como ficar pior...

Artemis entrou sozinho, deixando o guarda-costas tirando o capacete Kendo e o peitoral Hon-nuri. Por baixo ele usava uma roupa de moletom, em vez da tradicional calça larga. O suor brotava no peito e nas costas, mas Butler ignorou a vontade de tomar uma chuveirada, ficando de sentinela do lado de fora da porta, sabendo que não deveria se esforçar tanto para ouvir, mas desejando ser capaz.

Butler era o único outro ser humano que sabia toda a verdade sobre as peripécias mágicas de Artemis. Ele estivera junto do jovem patrão durante todas as várias aventuras, lutando contra o Povo do subterrâneo e contra outros humanos através dos continentes. Mas Artemis fizera a viagem no tempo até Limbo sem ele e voltara mudado. Agora uma parte de seu jovem patrão era mágica, e não fora somente o olho esquerdo castanho da capitã Holly Short, que a corrente do tempo lhe dera. Na jornada de ida e volta da Terra até Limbo, de algum modo Artemis havia conseguido roubar alguns fiapos de magia das criaturas cujos átomos se misturaram com os dele na corrente de tempo. Quando retornou de Limbo, Artemis havia





*sugerido* aos seus pais, no envolvente *mesmer* mágico, que eles simplesmente não pensassem em onde ele estivera nos últimos anos. Não foi um plano muito sofisticado, já que seu desaparecimento saía nos noticiários de todo o mundo e o assunto era ventilado em cada acontecimento social a que os Fowl compareciam. Mas até que Artemis pudesse pôr as mãos em algum equipamento de limpeza mental da LEP, ou que desenvolvesse um equipamento próprio, isso teria de bastar. *Sugeriu* aos pais que, se alguém perguntasse sobre ele, deveriam simplesmente dizer que esse era um assunto de família e pedir que sua privacidade fosse respeitada.

*Artemis é um ser humano mágico, pensou Butler. O único.*

E agora Butler simplesmente sabia que Artemis iria usar sua magia para fazer uma tentativa de curar a mãe. Era um jogo perigoso; a magia não fazia parte de sua condição natural. O garoto poderia muito bem remover um conjunto de sintomas e substituí-lo por outro.

Artemis entrou devagar no quarto dos pais. Os gêmeos invadiam aquele local a qualquer hora do dia ou da noite, jogando-se na cama de baldaquino para lutar com a mãe e o pai que protestavam, mas Artemis jamais havia experimentado isso. Sua infância fora uma época de ordem e disciplina.

*Sempre bata antes de entrar, Artemis, ensinara seu pai. Isso demonstra respeito.*

Mas o pai havia mudado. Um encontro com a morte sete anos antes lhe mostrara o que era realmente importante. Ago-





ra ele estava sempre disposto a abraçar e rolar nas cobertas com os filhos amados.

*É tarde demais para mim, pensou Artemis. Sou velho demais para rolar com meu pai.*

Sua mãe era diferente. Jamais havia sido fria, afora durante as crises de depressão, quando seu pai estava desaparecido. Mas a magia do povo das fadas e o retorno de seu marido amado a salvara disso e agora ela era como antigamente. Ou havia sido, até agora.

Artemis atravessou o quarto devagar, com medo do que havia adiante. Caminhou com cautela pelo tapete, tendo o cuidado de pisar entre os anéis entrelaçados na estampa.

*Se pisar nos anéis, conte até dez.*

Esse era um hábito de quando ele era pequeno, uma velha superstição sussurrada por seu pai. Artemis nunca havia esquecido e sempre contava até dez para evitar o azar, caso pusesse ao menos a ponta do dedão nos anéis da estampa do tapete.

A cama de baldaquino ficava do outro lado do quarto, envolta em cortinas e luz do sol. Uma brisa penetrava no cômodo, ondulando as sedas como se fossem as velas de um navio pirata.

Uma das mãos de sua mãe estava pendurada sobre a borda. Pálida e magra.

Artemis ficou horrorizado. Ontem mesmo sua mãe estivera bem. Fungando um pouco, mas ainda calorosa e risonha.

— Mãe — disse ele bruscamente ao ver o rosto dela, sentindo como se o mundo tivesse sido arrancado com um soco.





Não era possível. Em 24 horas sua mãe havia definhado até virar pouco mais do que um esqueleto. Os malarres estavam afiados como uma faca, os olhos perdidos em órbitas escuras.

*Não se preocupe, disse Artemis a si mesmo. Dentro de alguns segundos mamãe vai ficar bem, então poderei investigar o que aconteceu aqui.*

O lindo cabelo de Angeline Fowl estava crespo e quebradiço, com fios partidos se entrecruzando no travesseiro como uma teia de aranha. E havia um cheiro estranho emanando dos poros.

*Lírios, pensou Artemis. Cheiro doce, mas tingido de doença.*

Os olhos de Angeline se abriram abruptamente, redondos de pânico. As costas se arquearam enquanto ela sugava a respiração através da traqueia apertada, tentando prender o ar com as mãos em garras. Com a mesma velocidade, desmoronou. E Artemis pensou, por um momento terrível, que ela tivesse morrido.

Mas então as pálpebras estremeceram e ela estendeu a mão para ele.

— Arty — disse ela, com a voz que era pouco mais do que um sussurro. — Estou tendo um sonho estranhíssimo. — Uma frase curta, mas demorou séculos para ser terminada, com uma respiração áspera entre cada palavra.

Artemis segurou a mão da mãe. Como estava magra! Um saco de ossos.





— Ou talvez eu esteja acordada e minha outra vida seja um sonho.

Doeu em Artemis ouvir a mãe falando assim; fez com que ele se lembrasse das crises que ela costumava sofrer.

— Você está acordada, mamãe, e eu estou aqui. Você teve uma febre fraca e está um pouco desidratada, só isso. Nada com que se preocupar.

— Como posso estar acordada, Arty — disse Angeline, com os olhos calmos dentro de círculos pretos — quando sinto que estou morrendo? Como posso estar acordada quando me sinto assim?

A falsa tranquilidade de Artemis foi derrubada.

— É... é a... febre — gaguejou. — Você está vendo as coisas de modo meio estranho. Tudo vai ficar bem num instante. Prometo.

Angeline fechou os olhos.

— E meu filho cumpre as promessas, eu sei. Onde você esteve nestes últimos anos, Arty? Nós ficamos tão preocupados! Por que você não tem dezessete anos?

Em seu delírio, Angeline Fowl via a verdade através de uma névoa de magia. Percebia que ele estivera desaparecido durante três anos e voltara para casa com a mesma idade com que havia sumido.

— Estou com quatorze anos, mamãe. Quase quinze, ainda vou ser garoto por um bom tempo. Agora feche os olhos e, quando abrir de novo, tudo vai estar bem.

— O que você fez com meus pensamentos, Artemis? De onde vem o seu poder?





Agora Artemis estava suando. O calor do quarto, o cheiro doentio, sua própria ansiedade.

*Ela sabe. Mamãe sabe. Se você curá-la, ela vai se lembrar de tudo?*

Não importava. Isso poderia ser abordado no devido tempo. Sua prioridade era curá-la.

Artemis apertou a mão frágil, sentindo os ossos roçando uns contra os outros. Ia usar a magia com a mãe pela segunda vez.

A magia não pertencia à alma de Artemis e lhe dava dores de cabeça lancinantes sempre que a usava. Mesmo sendo humano, as regras do povo das fadas tinham algum poder sobre ele. Era obrigado a mastigar comprimidos contra enjoo antes de entrar numa casa sem ser convidado e, quando a lua estava cheia, Artemis costumava ser encontrado na biblioteca, ouvindo música no volume máximo para abafar as vozes dentro da cabeça. A grande comunidade de criaturas mágicas. As criaturas tinham poderosas memórias raciais que vinham à superfície como um maremoto de emoções descontroladas, provocando enxaquecas.

Algumas vezes Artemis se perguntava se teria sido um erro roubar a magia, mas recentemente os sintomas haviam parado. Não sentia mais enxaquecas ou enjoo. Talvez seu cérebro estivesse se adaptando à tensão de ser uma criatura mágica.

Segurou os dedos da mãe com gentileza, fechou os olhos e limpou a mente.

*Magia. Apenas magia.*

A magia era uma força selvagem e precisava ser controlada. Se Artemis deixasse os pensamentos soltos, a magia se sol-





taria também e ele poderia abrir os olhos e encontrar a mãe ainda doente, mas com o cabelo de outra cor.

*Cure, pensou. Fique boa, mãe.*

A magia reagiu ao seu desejo, espalhando-se pelos membros, zumbindo, arrepiando. Fagulhas azuis envolveram os pulsos, pinicando como cardumes de manjubinhas minúsculas. Quase como se estivessem vivas.

Artemis pensou na mãe em tempos melhores. Viu sua pele radiante, os olhos brilhando de felicidade. Ouviu-a rir, sentiu-a tocar seu pescoço. Lembrou-se da força do amor de Angeline Fowl pela família.

*É isso que eu quero.*

As fagulhas sentiram seu desejo e fluíram para Angeline Fowl, penetrando na pele da mão e do pulso, retorcendo-se em cordas ao redor dos braços magros. Artemis pressionou mais e um rio de fagulhas mágicas fluiu de seus dedos para a mãe.

*Cure, pensou. Expulse a doença.*

Artemis havia usado magia antes, mas desta vez era diferente. Havia resistência, como se o corpo da mãe não quisesse ser curado e estivesse rejeitando o poder. Fagulhas chiavam na pele dela, estremeciam e apagavam.

*Mais, pensou Artemis. Mais.*

Pressionou mais, ignorando a súbita dor de cabeça ofuscante e a náusea.

*Cure, mãe.*

A magia envolveu a mãe como se ela fosse uma múmia egípcia, serpenteando ao redor do corpo, erguendo-a 15 cen-





tímetros acima do colchão. Ela estremecia e gemia, com vapor saindo dos poros, chiando ao tocar as fagulhas azuis.

*Ela está sentindo dor,* pensou Artemis, entreabrindo um dos olhos. *Está em agonia. Mas não posso parar agora.*

Artemis mergulhou mais fundo, procurando suas extremidades para encontrar os últimos fiapos de magia.

*Tudo. Dê-lhe até a última fagulha.*

A magia não era uma parte intrínseca de Artemis; ele a havia roubado e agora expulsava-a de novo, colocando tudo que tinha na tentativa de cura. E no entanto não estava funcionando. Não, era mais do que isso. A doença dela ficou mais forte. Repelindo cada onda azul, roubando a cor e a força das fagulhas, lançando-as trêmulas na direção do teto.

*Alguma coisa está errada,* pensou Artemis, com bile na garganta, uma adaga de dor sobre o olho esquerdo. *Não deveria ser assim.*

A última gota de magia deixou seu corpo com um repelão e Artemis foi lançado da beira da cama da mãe, deslizando pelo chão e depois rolando de cambalhota até parar esparramado de encontro a uma espreguiçadeira. Angeline Fowl teve um último espasmo, depois tombou de volta no colchão. Seu corpo estava encharcado por um estranho gel denso e transparente. Fagulhas mágicas relampejavam e morriam naquela cobertura, que foi desaparecendo quase tão rapidamente quanto havia surgido.

Artemis ficou deitado, com a cabeça nas mãos, esperando que o caos no cérebro parasse, incapaz de se mover ou de pensar. A respiração parecia raspar de encontro ao crânio. Por fim a





dor foi se dissipando até virar um eco e palavras confusas foram se transformando em frases.

*A magia se foi. Gastou-se. Sou totalmente humano.*

Artemis registrou o som da porta do quarto rangendo e ao abrir os olhos encontrou Butler e seu pai olhando-o, com enorme preocupação no rosto.

— Ouvimos um estrondo. Você deve ter caído — disse Artemis Sênior, puxando o filho pelo cotovelo. — Eu não deveria ter deixado que entrasse aqui sozinho, mas achei que talvez você pudesse fazer alguma coisa. Você tem certos talentos, eu sei. Esperava... — Ele ajeitou a camisa do filho, deu tapinhas em seus ombros. — Foi estupidez minha.

Artemis afastou as mãos do pai e foi cambaleando até a cama da mãe. Foi preciso apenas um olhar para confirmar o que já sabia. Ele não havia curado a mãe. Não existia cor em suas bochechas nem maior facilidade na respiração.

*Ela está pior. O que foi que eu fiz?*

— O que é? — perguntou seu pai. — Que diabo está errado com ela? Com essa piora, em menos de uma semana minha Angeline estará...

Butler interrompeu bruscamente:

— Nada de desistir, pessoal. Todos temos contatos, do nosso passado, que podem lançar alguma luz sobre a situação da sra. Fowl. Pessoas com quem, de outro modo, preferiríamos não ter ligações. Vamos encontrá-las e trazer para cá o mais rápido que pudermos. Vamos ignorar bobagens como passaportes ou vistos e fazer isso logo.





Artemis Sênior assentiu, a princípio lentamente, depois com mais vigor.

— É. É, vamos! Ela ainda não está acabada. Minha Angeline é uma guerreira. Não é, querida?

Segurou a mão dela gentilmente, como se fosse feita do mais fino cristal. Ela não reagiu ao toque ou à voz.

— Nós falamos com todos os praticantes de medicina alternativa da Europa sobre as dores na minha perna fantasma. Talvez um deles possa ajudar com isso.

— Conheço um homem na China — disse Butler. — Ele trabalhou com madame Ko na academia de guarda-costas. Fazia milagres com ervas. Morava nas montanhas. Nunca saiu da província, mas viria, se eu pedisse.

— Bom — concordou Artemis Sênior. — Quanto mais opiniões pudermos consultar, melhor. — E se virou para o filho. — Escute, Arty, se você conhece alguém que possa ajudar... Qualquer pessoa. Talvez você tenha algum contato no submundo, não?

Artemis girou um anel bastante espalhafatoso no dedo médio, de modo que a frente ficasse encostada na palma da mão. Esse *anel* era na verdade um comunicador do povo das fadas, camuflado.

— Sim — disse ele. — Tenho alguns contatos no submundo.

